



ECOIA - Espaço de Convivência Agroecológica

SLA - Agroecological Living Space

SILVA, Lina Vieira¹; MARCONDES, Bárbara de Gaia¹; ARAÚJO, Etelvino Rocha¹; TAVARES, Patrícia Dias¹.

¹Instituto Federal de Brasília-*Campus* Planaltina, linapurina@gmail.com; degaia.barbara@gmail.com; etelvino.araujo@ifb.edu.br; patricia.tavares@ifb.edu.br.

Resumo: Com resiliência, os estudantes do curso superior de Tecnologia em Agroecologia do Instituto Federal de Brasília, ocupa uma casa, desde 2010, que se encontrava abandonada nas dependências do Instituto, a fim de garantirem sua permanência estudantil e desenvolverem as práticas agroecológicas das quais sentiam necessidade e ausência na grade curricular. Com organização e autogestão, os diversos grupos que passaram pelo ECOIA - Espaço de Convivência Agroecológica, deixaram sua importante contribuição, apesar dos desafios encontrados. Hoje, o resultado é um local de convivência e produção agroecológica, demonstrando a resistência dos alunos contra as intempéries, a fim de construir a agroecologia de forma transversal, plural e democrática.

Palavras-chave: Agroecologia, Comunhão, Atividades.

Abstract: With resilience, undergraduate students of Agroecology Technology at the Federal Institute of Brasília occupy a house, since 2010, which was abandoned in the Institute's premises, in order to guarantee their student stay and to develop the agroecological practices of which they felt the need and absence in the curriculum. With organization and self-management, the various groups that have passed through the ECOIA - Area of Agroecological Coexistence, have left their important contribution, despite the challenges encountered. Today, the result is a place of coexistence and agroecological production, demonstrating the students' resistance against the inclemencies, in order to build agroecology in a transversal, plural and democratic way.

Keywords: Agroecology, Communion, Activities.

Contexto

O Instituto Federal de Brasília - IFB, *campus* Planaltina abriu, em 2010, as portas para o Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia (STA), tendo em vista um novo sistema de agroalimentar, capaz de conciliar a produção de alimentos à conservação dos recursos naturais. Apesar da proposta, desde o início, ela se estabelece como um desafio, pois, o campus possui histórico de ensino de produção agrícola nos moldes convencionais, preconizados pela Revolução Verde. Logo, mesmo que houvesse uma base conceitual e metodológica diferente do que já era



feito no Campus, o corpo docente qual atuava no novo curso era o mesmo quadro docente anterior na escola. Este histórico levou os(as) estudantes a questionarem as práticas desenvolvidas e buscarem mais informações, para articularem a sua formação ao que se propõe a educação em agroecologia.

Além disto, os estudantes de agroecologia do IFB - Planaltina, no momento de criação do curso, careciam de um espaço físico destinado à convivência, experimentação de práticas agroecológicas e produção de alimentos. Uma proposta curricular limitada aos turnos de aula (que varia entre matutino ou vespertino, de acordo com o semestre), dificuldade no transporte até o *campus*, e falta de acesso à alimentação no refeitório impõem barreiras na permanência estudantil. Encarando esses desafios, os estudantes aprenderam com a agroecologia o conceito de resiliência buscando uma forma de se organizar e encontrar alternativas para sua permanência dentro do *campus*, e, conseqüentemente no curso de Tecnologia em Agroecologia.

Por meio de organização os estudantes ocuparam e reivindicaram uma casa que até então encontrava-se abandonada próximo ao prédio onde funciona a coordenação e salas de aula do curso de agroecologia. Com a ocupação desta casa e utilização do terreno ao redor, deu-se início ao Espaço de Convivência Agroecológico - ECOA. Este espaço tem como objetivo servir como local de convivência e alimentação, além de laboratório de ensino, pesquisa e extensão, fortalecendo a união e a prática de autogestão de trabalho na área.

Descrição da Experiência

No ano de 2010, a casa abandonada, localizada na área da Agroecologia, no Instituto Federal de Brasília, *campus* Planaltina, foi ocupada por estudantes, a princípio como dormitório para mulheres do curso de agroecologia, já que o dormitório existente era destinado apenas aos homens. Após esta primeira ocupação pelas estudantes, em 2015, outros começaram a atuar na área, com o intuito de produzir alimentos nos espaços adjacentes à casa.

Com a necessidade de um espaço coletivo, foi feita uma ocupação dos estudantes, a limpeza da casa e área envolta e nessa comunhão os estudantes debateram sobre algo que faltava no curso de agroecologia: a prática.

Para legitimar as ações realizadas pelos estudantes naquele espaço (visto que não há reconhecimento institucional da ocupação), houve a criação de um Grupo de Trabalho Agroecológico (GTA), a partir do qual, foi escrito o projeto institucionalizando o local para o uso dos estudantes, para promover propostas e abrir portas para os alunos desenvolverem projetos agroecológicos sem censura e preconceito. Assim O ECOA se tornou o lugar onde os estudantes pudessem



trabalhar executando projetos de bioconstrução, produção de mudas, sistemas agroflorestais (SAF) e oficinas diversas como de arte e cultura. Nesse espaço são praticados a organização e produção autogestionada para o beneficiamento dos estudantes na área da ciência e permanência na instituição.

No final de 2015 foi realizada uma reunião junto à direção da Instituição, onde foi apresentada a proposta da formação autogestionada de práticas agroecológicas, com o corpo estudantil do GTA. A proposta seria uma gestão rotativa, garantindo a sucessão estudantil ao longo dos anos. As produções deram retorno, como a ativação do galinheiro, abertura de SAFs, produção de mudas, o que ajudou na disponibilização de almoços para os estudantes, já que o refeitório atende apenas alunos residentes e de período integral.

O GTA, ao longo de sua construção, conseguiu dar subsídio aos alunos nas questões já pautadas anteriormente. Porém, também enfrentou desafios perante os outros estudantes, que não apoiavam o grupo pela maneira que restringiam o acesso a casa ECOA, colocando tempo de entrada e saída no local e fornecendo atividades por vezes impostas aos que ali frequentavam. Isto levou à desmobilização do grupo enquanto GTA, que acabou por se desfazer em dezembro de 2016.

No entanto, a ocupação dos estudantes não acabou, pois, a importância do compartilhamento de experiências e a prática fazia com que o aprendizado fosse maior, porém ao longo desse tempo, muitos projetos ficaram inacabados e abandonados, o ECOA teve uma desorganização dentro e fora da casa. Uma desmobilização causada pela dificuldade de permanência na faculdade, falta de incentivo, alimentação e transporte público de qualidade.

Durante o ano de 2017, a casa continuou sendo autogestionada pelos alunos, mas não houveram muitas práticas, apenas poucos manejos sendo realizados por poucos estudantes, porém continuou sendo um apoio para estudantes que moravam longe. Durante esse tempo o local ficou um tanto abandonado. Então o mato cresceu abafando o SAF, o viveiro ficou com a estrutura desgastada e dentro da casa houve um acúmulo de entulhos e sujeira.

Em 2018 houve a entrada de novos estudantes que começaram a frequentar a casa, um novo movimento de organização estudantil se estruturou. Percebendo que mesmo com a entrada de professores que tinham em vista a prática nas diferentes matérias lecionadas no curso, existiam algumas ações que não eram trabalhadas e que os alunos poderiam fazer para melhorar o desempenho intelectual e ser uma forma de apresentar o ECOA para a instituição, como um espaço de produção de conhecimento. Essa foi a tática pensada pelos alunos para mostrar a agroecologia como um espaço de compartilhamento de conhecimento e inovação tecnológica, para assim a instituição dar mais apoio nas novas demandas do curso e para a



reivindicação de materiais para futuros projetos e melhoramento de estruturas que precisassem de reforma. O ECOA teve uma onda de organização estudantil, os canteiros foram capinados e reabertos com novas plantações, os minhocários ativados, círculo de bananeiras implantados, a casa teve entulhos retirados, e a cozinha ativada. Trazendo nesse movimento novos integrantes para a ocupação da casa.

Resultados

Durante os anos de união e trabalho autogestionado dos estudantes de agroecologia, foram obtidos produtos finais no espaço, como algumas linhas de sistemas agroflorestais que durante os anos foram revitalizadas, a produção durante algum tempo de galinhas em modelo agroecológico, criação de um viveiro como projeto de alunos da instituição, reestruturação da casa ECOA durante os anos, um espaço de alimentação para os acadêmicos que não tinham como ter acesso a alimento dentro da instituição, alojamento com cama e colchões.

Dificuldades foram e são encontradas durante esse processo pois a autogestão e responsabilidade de 100% de todos alunos é algo difícil de se ter, cada um usa o espaço de acordo com a maturidade. Sendo assim, uns frequentam como um local apenas de socialização e outros como um espaço comunitário de compartilhamento de conhecimento e desenvolvimento de ciência. A desorganização da casa e descontinuação de projetos são recorrentes, a falta de apoio da instituição na realização de atividades dentro do espaço prejudica muitas ações a serem realizadas.

É um processo natural, quando se tem o ciclo de entrada e saída dos estudantes na instituição, a retomada e a recaída das organizações estudantis a partir do perfil dos próprios estudantes. O mais impactante é a resistência estudantil frente às inúmeras tentativas de demolição e remoção da casa por parte da direção do IFB. A resistência sempre foi um fator importante na mobilização dos estudantes, por mais desmobilizados que estes poderiam estar, no momento da crise, a resiliência se mostrava imperativa no enfrentamento à demolição do ECOA.

Atualmente, o ECOA possui uma casa viva, com música e arte circulante. Os plantios são semanais, o manejo é diário, os SAF's estão cada dia mais produtivos, a bioconstrução para ampliação da cozinha comunitária está acontecendo a partir da própria organização dos estudantes e cada dia mais gente se interessa pela construção deste espaço destinado à todos os estudantes de Agroecologia do IFB - Planaltina.



Figura 1. Área limpa para formação dos SAFs.



Figura 2. Implantação dos SAFs



Figura 3. Frente do ECOA